

leYa

SUMÁRIO

15	Introdução
22	Che Guevara
76	Astecas, incas, maias
128	Simón Bolívar
154	Haiti
192	Perón e Evita
230	Pancho Villa
256	Salvador Allende
305	Epílogo
315	Bibliografia
325	Índice

INTRO
DUÇÃO

COMO DEIXAR DE SER LATINO-AMERICANO

Foram os franceses os primeiros a usar a expressão “América Latina”. Por volta de 1860, o imperador Napoleão III tentava aumentar sua influência no México, na época um país tumultuado por revoltas e guerras entre políticos liberais e conservadores. Um bom jeito de aproximar culturalmente os dois países era destacando o que eles tinham em comum, como a mesma origem do idioma. Tanto o francês quanto o espanhol e o português são línguas derivadas do latim – essa semelhança não só deixava a influência francesa mais natural como isolava os imperialistas britânicos e seu idioma anglo-saxão.¹

“América Latina” se tornou assim uma ideia tão vazia quanto abrangente. Reúne sujeitos e povos dos mais diversos: o que há em comum entre ribeirinhos amazônicos, vaqueiros gaúchos, executivos da Cidade do México, índios das ilhas flutuantes do lago Titicaca e haitianos praticantes

de vodu? Eles falam línguas derivadas do latim, mas... e daí? Colocar todos em um mesmo saco não seria o mesmo que igualar sujeitos tão diferentes quanto um xeque radical egípcio, um fazendeiro branco da África do Sul e um pigmeu do Congo? São todos africanos, é certo, mas pouca gente fala em uma única identidade para a África.

Talvez a principal semelhança entre os latino-americanos não seja algo que venha de nossos longínquos antepassados, como a língua, e sim em um traço recente, forjado lentamente ao longo de séculos. Bolivianos, mexicanos, brasileiros e todos os demais, quando vislumbram o próprio passado, contam exatamente a mesma história.

É como se ingredientes de sabores, cores e tamanhos diferentes entrassem todos numa grande batedeira para criar uma massa homogênea; e é como se essa massa fosse recortada por um mesmo molde de biscoito, dando origem a seres graciosos com o mesmo formato e o mesmo discurso. Tão parecidas são suas narrativas, e tão importante é a história para a identidade de um povo, que é possível tirar dessa massa algumas regras para ser um típico habitante da nossa região. Na receita para se preparar um bom latino-americano, parece ser necessário:

1. Lamentar. Todo latino-americano nutre uma obsessão por episódios tristes de sua história: o massacre dos índios, os horrores da escravidão, a violência das ditaduras. Além dessas histórias de opressão, nada de bom aconteceu.
2. Encarar a cultura local como uma forma de resistência. Fica proibido ligar na tomada instrumentos musicais típicos e populares e passa a ser um requisito moral usar

ponchos e saias coloridas – ou pelo menos desfilar com um colar de artesanato indígena.

3. Condenar o capitalismo. O latino-americano que honra o nome acredita que o comunismo foi uma ideia boa, só que mal implantada. E, se já não luta para implantar esse falido modelo por aqui, ao menos defende sistemas mais “sociais”, “solidários”, “justos” e “comunitários”.
4. Denunciar a dominação externa. Se a responsabilidade pelos problemas do continente não pode ser atribuída à Espanha, à França ou a Portugal, então certamente tem alguma mão da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Ou, como prega o livro *As Veias Abertas da América Latina*, clássico desse pensamento simplista, “a cada país dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento”.
5. Cultuar heróis perversos. Quanto mais bobagens eles falarem e quanto mais sabotarem seu próprio país, mais estátuas equestres e estampas em camisetas serão feitas em sua homenagem.

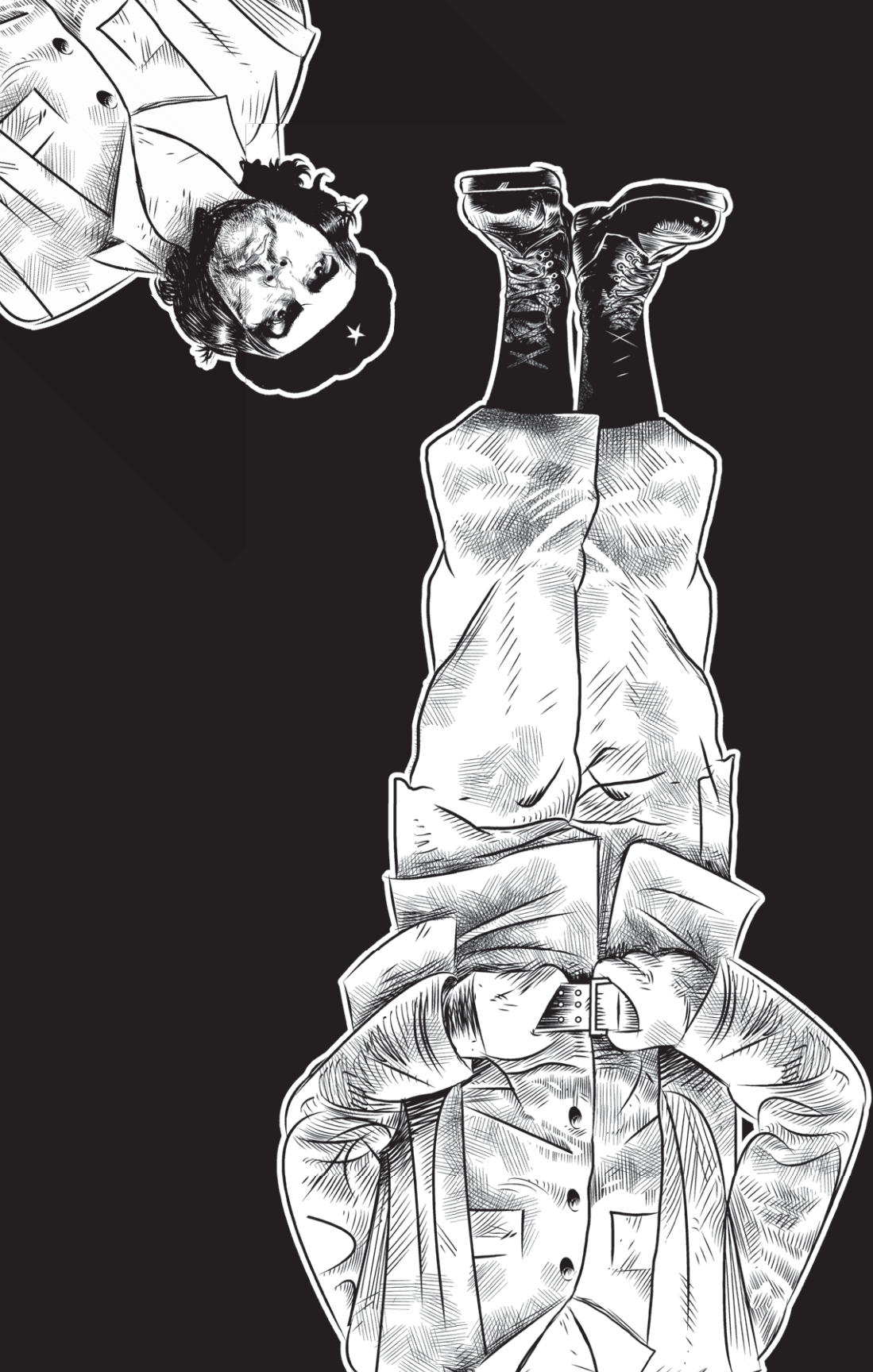
Tudo neste livro é contra essas regras tão batidas para se contar a história da América Latina. Não nos sentimos representados por guerrilheiros ou por indignados líderes andinos e suas roupas coloridas. Não há aqui destaque para veias abertas do continente, mas para feridas devidamente tratadas e curadas com a ajuda de grandes potências. Conhecemos bem as tragédias que nossos antepassados índios e negros sofreram, mas, honestamente, estamos cansados de

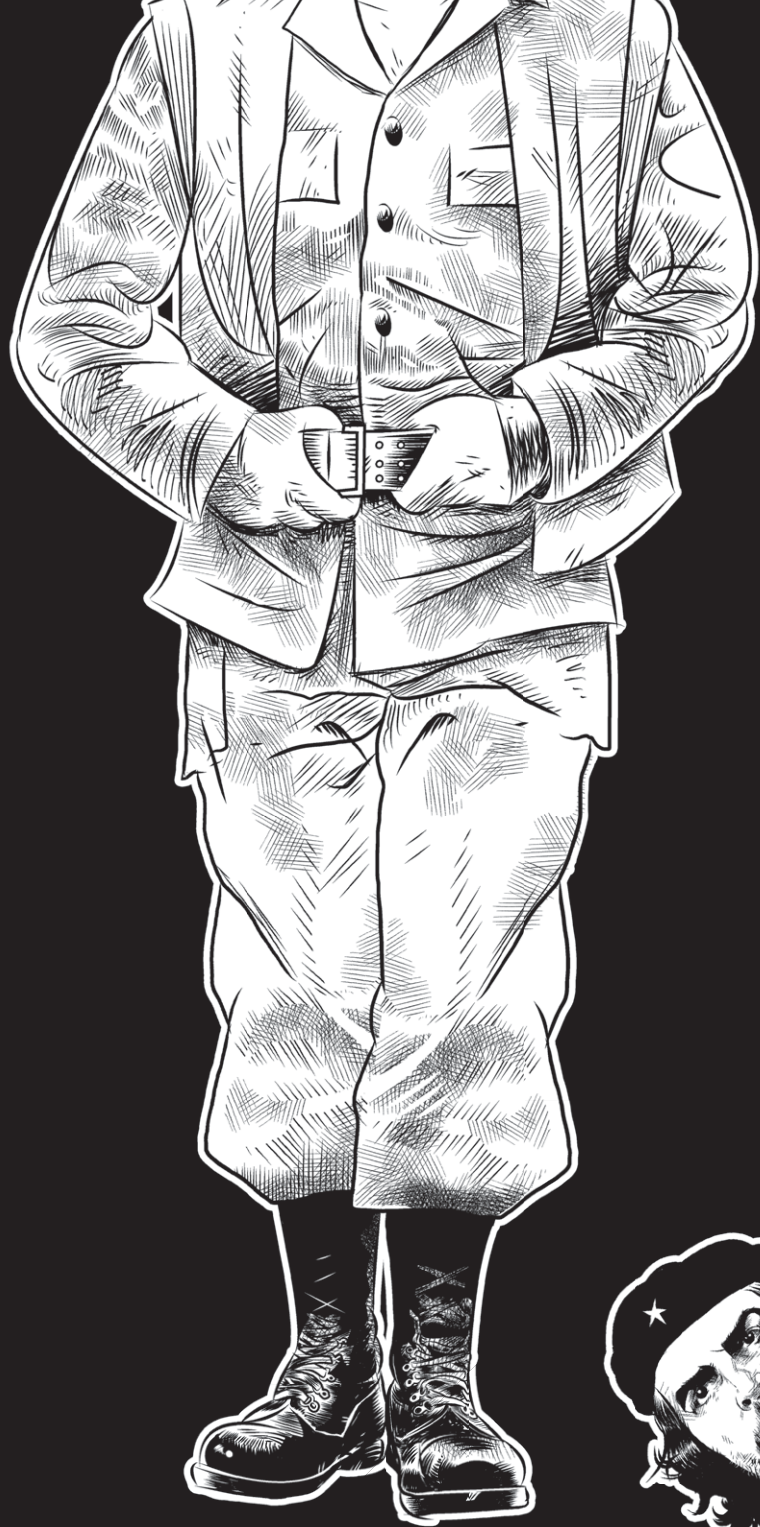
falar sobre elas. E acreditamos que todos os povos passaram por desgraças semelhantes, inclusive aqueles que muitos de nós adoramos acusar. Por isso, quando vítimas da história aparecerem nesta obra, é para revelarmos que elas também mataram e escravizaram — e como elas se beneficiaram com ideias e costumes vindos de fora.

Figuras ilustres da América Latina também passam neste livro, mas longe de nós mostrar somente que elas não são tão admiráveis quanto se diz. Na história de quase todo país, é comum abrilhantar as palavras de figuras públicas e até inventar virtudes de seu caráter — e não passa de chaticice ficar insistindo numa realidade menos interessante. Acontece que na América Latina se vai além: escolhem-se como heróis justamente os homens que mais atrapalharam a política, mais arruinaram a economia, mais perseguiram os cidadãos. Não importam as tragédias que Salvador Allende, Che Guevara e Juan Perón tenham tornado possíveis. Importantes são o carisma, o rosto fotogênico, a morte trágica, os discursos inflamados contra estrangeiros. Por isso, não há como escapar: é ele, o falso herói latino-americano, o principal alvo deste livro.

NOTA

- 1 John Charles Chasteen, *Born in Blood & and Fire: A Concise History of Latin America*, W. W. Norton & Company, 2011, página 156.





CHE
GUE
VARA

UM OLHAR MATADOR

Não tem como negar: na América Latina e mesmo fora dela, Che é o cara. Seu nome e seu retrato estão em álbuns de rock, na capa de livros, no estepe externo de carros esportivos. O guerrilheiro argentino dá nome a dezenas de espaços públicos com funções bonitinhas, como o Centro Urbano de Cultura e Arte (Cuca) Che Guevara, no Ceará, ou a Cooperativa de Trabalho Ernesto Che Guevara de Córdoba, na Argentina, além de ruas e praças em todo o continente. É possível estudar na “Escola Che Guevara” tanto em Quito, no Equador, quanto na Argentina ou em Monte do Carmo, no interior do Tocantins. O guerrilheiro foi homenageado pela escola de samba Unidos da Ilha da Magia, campeã do carnaval 2011 de Florianópolis. A filha dele, Aleida, desfilou em um carro alegórico no formato de um tanque de guerra.¹ A torcida Máfia Azul, do Cruzeiro, time de Minas Gerais, já pintou a imagem de seu rosto em bandeiras e camisetas.

Os nossos cineastas retratam Che como um mochileiro camarada, um jovem audacioso e sonhador. Qualquer sindicato que se preze tem uma bandeira com Che. Um livro didático para aulas de espanhol, distribuído pelo governo do Paraná em 2008, reproduz versos sobre “aquele guerrilheiro louco que mataram na Bolívia e como depois daquele dia tudo parece mais feio”. Em São Paulo, onde moram os autores deste livro, há bares com o nome de Che, postos de saúde com o nome de Che, dichavadores de maconha com o rosto de Che à venda no posto de gasolina. Se não há mais camisetas com a imagem de Che, é porque elas saíram de moda por saturação.

Quem exhibe a imagem ou o nome de Che tem seus motivos para admirá-lo. Dizem que, diante de um mundo tão voltado à competição, ao sucesso individual e ao dinheiro, é bom se lembrar de alguém que deu a vida por uma sociedade diferente. Se não se pode mudar o sistema por completo, pelo menos se pode fazer um pequeno ato de protesto, estampando o rosto de um jovem aventureiro que, argumentam alguns, renunciou ao próprio bem-estar em prol de uma ideia, libertou-se da vida convencional para defender os oprimidos e apostar no sonho de um mundo melhor. Che é para essas pessoas um símbolo de tudo o que dizem defender: a paz entre os povos, a tolerância, a defesa dos direitos dos mais fracos e dos trabalhadores e o fim da exploração econômica.

Mas Che Guevara lutou contra as bandeiras que os seus fãs mais defendem. Como se verá a seguir, há quatro grandes contradições entre sua vida e a admiração que ela inspira. As informações a seguir vêm das principais biografias do guerrilheiro e de instituições das mais puritanas:

órgãos de direitos humanos e associações de familiares de mortos e desaparecidos políticos. Mas a principal fonte é o próprio Che Guevara. Suas palavras, presentes em livros, manifestos, diários e no depoimento de seus colegas, deixam claro que, nos dias de hoje, quem nutre sentimentos politicamente corretos em favor da paz, dos direitos humanos e do bem-estar dos mais pobres precisa manter o guarda-roupa o mais longe possível do rosto de Che Guevara.

Che e a liberdade artística e sexual

Antes de mergulhar nas crenças e nas ações do famoso revolucionário, é preciso fazer uma viagem à Cuba da década de 1950, pouco antes de Che e os outros guerrilheiros comandados por Fidel Castro tomarem o poder. O passeio é cheio de turbulência. Quem ainda hoje é a favor do regime comunista costuma descrever a ilha dos tempos pré-revolucionários como um bordel dos americanos, um playground para marmanjos repleto de prostitutas, mafiosos e cubanos miseráveis. Já aqueles que se opõem ao regime tratam de destacar o progresso da Cuba anterior à revolução e alguns números de qualidade de vida da época bem melhores que a média latino-americana.

É mais complicado que isso. Como qualquer grande cidade turística da América, Cuba tinha prostitutas, corruptos, ricos e pobres, é verdade. Havana formava com Las Vegas e Miami um triângulo de negócios de turismo que envolvia cassinos administrados por mafiosos, shows internacionais e grandes hotéis. Os mafiosos que inspiraram o

filme *O Poderoso Chefão* tinham negócios em Cuba – não é à toa que o protagonista, Michael Corleone, visita a ilha no segundo filme da trilogia. Charles “Lucky” Luciano, líder da máfia siciliana de Nova York, se escondeu em Havana depois de ser deportado pelos Estados Unidos para a Itália; em Cuba ele se reunia com outros chefões, como o judeu Meyer Lansky e Vito Genovese. Esses figurões mantinham negócios com o ditador Fulgencio Batista, ninguém menos que o presidente e ditador de Cuba.

No entanto, como também é de esperar de qualquer lugar com o turismo em ascensão, Cuba vivia um surto de crescimento e otimismo. Na década de 1950, a economia mundial se recuperava e o uso dos aviões a jato se difundia. O turismo de massa ganhou assim um belo impulso – e a ilha caribenha foi um dos primeiros destinos dos novos turistas americanos. “Combinado com os baixos custos da viagem depois da Segunda Guerra, Havana de repente se tornou um destino exótico de escolha de centenas de milhares de americanos excitados para ver a terra de **Babalu**”, afirma o historiador Peter Moruzzi no livro *Havana before Castro*.² A maior vantagem competitiva era a de ser um destino internacional a apenas 150 quilômetros dos Estados Unidos. “Excitante, exótica. Cuba: onde o passado encontra o futuro”, dizia um anúncio de 1957 da Comissão Cubana de Turismo, similar às propagandas de qualquer cidade turística que deseja atrair visitantes e movimentar a economia. Havia na época 28 voos diários entre cidades cubanas e americanas – e muitos americanos viajavam para Cuba de carro, por meio de um serviço diário de *ferryboat* a partir da Flórida.

Essa expansão dava dinheiro não só a mafiosos, prostitutas e magnatas, mas também a donos de restaurantes,

Ao interromper o turismo para Cuba, a revolução deu impulso a outros polos turísticos, que passaram a atender aos americanos interessados no Caribe. Nos anos 70, grandes empresas hoteleiras, muitas das quais tinham sido expulsas de Havana, se instalaram a 200 quilômetros de Cuba, numa praia mexicana até então deserta – Cancún.

Babalu é uma música cubana que virou hit das rádios e dos canais de TV dos Estados Unidos nos anos 40. A letra é uma homenagem a Babalu Aye, deusa da santería cubana, o equivalente ao candomblé. “Me dá 17 velas, para pôr lá na cruz, e dá um pedaço de tabaco e um jarro de aguardente”, dizia a música.

Se hoje os cubanos fogem de seu país, na década de 1950 acontecia o contrário: imigrantes se mudavam para Cuba. Entre 1933 e 1953, mais de 15 mil judeus, 74 mil espanhóis e 7.500 alemães se mudaram para lá. Sobre essa época, até mesmo Che Guevara afirmou que Cuba tinha um “padrão de vida relativamente elevado”.⁶

garçons, chefs de cozinha, guias de turismo, empresas de *city tour*, enfim, todos os trabalhadores e empresários envolvidos com o turismo. O crescimento levava mais cubanos à classe média e aquecia outros setores da economia, como a construção civil. Prédios e casas cheios de novidades arquitetônicas se espalhavam por Havana e atraíam atenção internacional. “A recuperação da economia durante a Segunda Guerra e o crescimento do turismo tiveram um efeito estimulante no setor de construção, levando a um *boom* que encorajou a pesquisa de formas e novas tecnologias”, afirma o arquiteto Eduardo Luis Rodríguez.³ As cidades, onde vivia 66% da população,⁴ se beneficiavam ainda do dinheiro vindo da alta do preço da cana-de-açúcar, principal produto de exportação de Cuba. Engenheiros e arquitetos ligados ao modernismo transformavam Havana construindo arranha-céus e edifícios de linhas retas e longas curvas – os mesmos que marcariam a arquitetura modernista latino-americana. Com três revistas especializadas em arquitetura, a ilha abrigava encontros internacionais – era quando profissionais de todo o mundo visitavam obras de arquitetos formados na Universidade de Havana no começo dos anos 40, como Nicolás Arroyo e Mario Románach. Em 1955, com um grupo de profissionais experientes, Havana criou um plano urbanístico que previa ruas só para pedestres e edifícios modernistas, espaço especial para pequenas lojas nas ruas do centro histórico, limite de altura aos prédios fora do centro financeiro, aumento de áreas verdes e recreativas pela cidade.⁵

Se Havana era um playground dos americanos, o movimento inverso também acontecia. Os cubanos ricos e da crescente classe média adoravam se divertir nos Estados Unidos. Existia entre os dois países um turismo bilateral,

Já o investimento americano em Cuba tinha o dobro do tamanho: em 1958 ultrapassou 1 bilhão de dólares. Tendo em vista o tamanho dos países, o investimento cubano nos EUA é muito mais impressionante.⁹

assim como o de brasileiros nas ruas de Buenos Aires e de argentinos nas praias brasileiras. Não eram números desprezíveis. Em meados dos anos 50, havia mais cubanos em férias nos Estados Unidos que americanos em Cuba.⁷ A classe média cubana era um grupo consumidor tão importante nos Estados Unidos que “as lojas de departamento da Califórnia, de Nova York e da Flórida frequentemente anunciavam promoções nos jornais de Havana”, conforme descreve o historiador Louis A. Pérez Jr. no livro *Cuba and the United States: Ties of Singular Intimacy*. Assim como os americanos investiam em Cuba, empresas cubanas apostavam nos vizinhos. Pouco antes da revolução, o investimento do **imperialismo cubano** nos Estados Unidos ultrapassava meio bilhão de dólares.⁸

Antes da revolução, havia 28 voos diários entre cidades americanas e cubanas e até mesmo um serviço de *ferryboat*, para as famílias que quisessem viajar de carro ao país vizinho.

